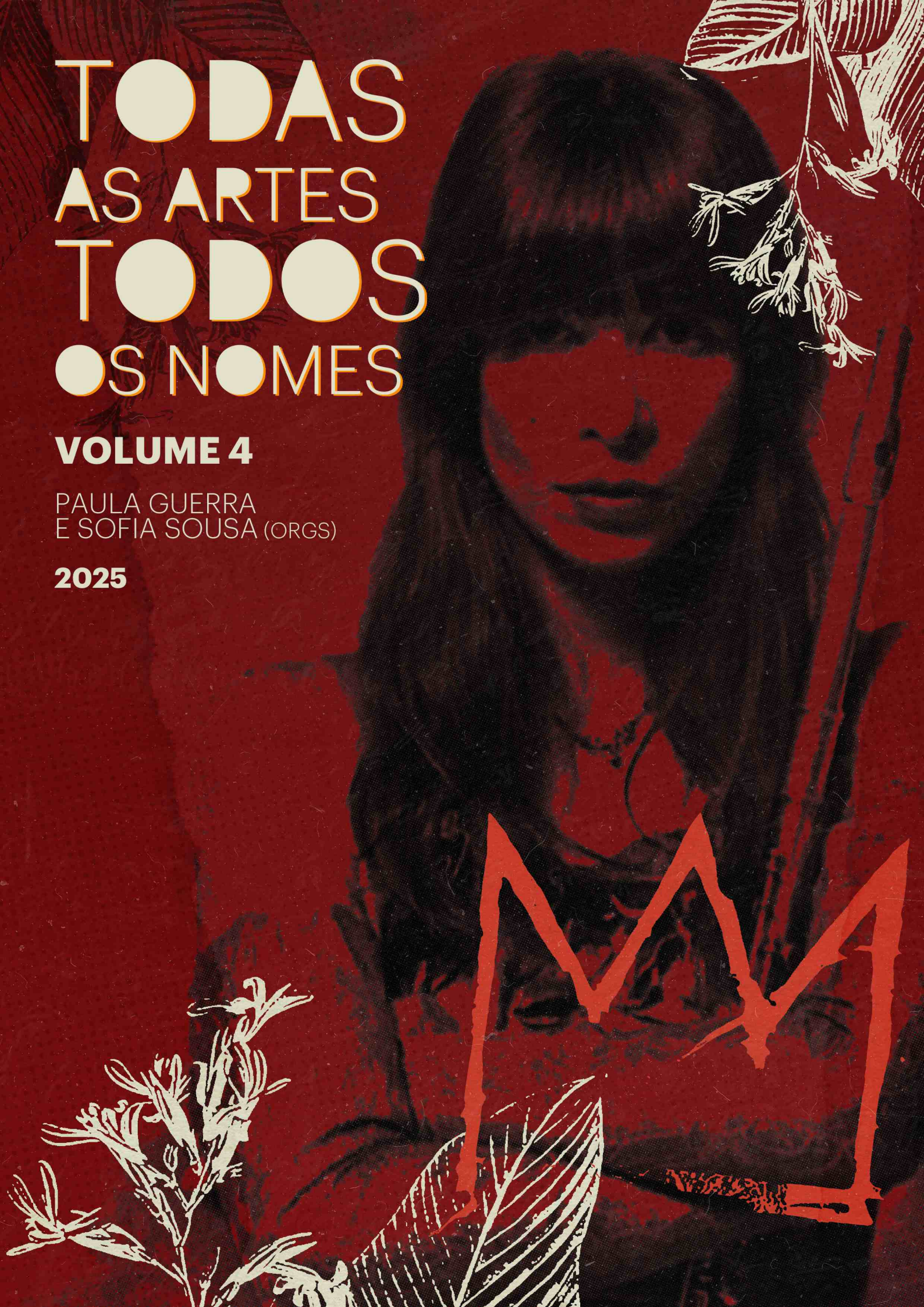


TODAS AS ARTES TODOS OS NOMES

VOLUME 4

PAULA GUERRA
E SOFIA SOUSA (ORGS)

2025



ARTWORK: ESCAR ACELERADO



~~Todas as Artes
são os nomes
dos sócios~~

CAPÍTULO 1



DESCONSTRUINDO O ANTROPOCENO. ARTES, POLÍTICA E NATUREZA

DECONSTRUCTING THE ANTHROPOCENE: ARTS, POLITICS AND NATURE

Paula Guerra, Universidade do Porto - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Portugal

Sofia Sousa, Universidade do Porto - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Portugal

Resumo

Este quarto volume Todas as Artes | Todos os Nomes reafirma-se enquanto território fértil de encontros entre a arte, a política, a memória e a resistência, bem como enfatiza o cruzamento entre vivências e criações artísticas do Sul e do Norte Globais. Durante as últimas edições do Seminário Todas as Artes e, por conseguinte, nos anteriores volumes, vários têm sido os temas que se têm abordado e desenvolvido, contribuindo para o debate e para o avanço científico. Desta feita, o presente livro emerge como mais um esforço editorial, na medida em que se propõe não apenas a reunir textos que têm vindo a ser produzidos no contexto académico e científico, mas que também procuram provocar uma experiência coletiva de deslocamento epistemológico e estético.

Palavras-chave: história, Antropoceno. artes, política, significados, linguagens.

Abstract


This fourth volume of All the Arts | All the Names reaffirms itself as a fertile ground for encounters between art, politics, memory, and resistance, while also emphasising the intersection of artistic experiences and creations from both the Global South and the Global North. Over the past editions of the All the Arts Seminar, and consequently in the previous volumes, a variety of themes have been addressed and developed, contributing to scholarly debate and scientific advancement. This new volume thus emerges as another editorial effort, seeking not only to bring together texts produced within academic and scientific contexts, but also to provoke a collective experience of epistemological and aesthetic displacement.

Keywords: history, Anthropocene, arts, politics, meanings, languages.



Este quarto volume *Todas as Artes | Todos os Nomes*^[1] reafirma-se enquanto território fértil de encontros entre a arte, a política, a memória e a resistência, bem como enfatiza o cruzamento entre vivências e criações artísticas do Sul e do Norte Globais. Durante as últimas edições do Seminário *Todas as Artes* e, por conseguinte, nos anteriores volumes, vários têm sido os temas que se têm abordado e desenvolvido, contribuindo para o debate e para o avanço científico. Desta feita, o presente livro emerge como mais um esforço editorial, na medida em que se propõe não apenas a reunir textos que têm vindo a ser produzidos no contexto académico e científico, mas que também procuram provocar uma experiência coletiva de deslocamento epistemológico e estético.

Com efeito, o presente livro visa dar conta (e denunciar) dos processos contemporâneos de homogeneização (Mbembe, 2018), da violência epistémica persistente nas instituições artísticas, e ao colapso ecológico e político do mundo globalizado (Haraway, 2016). Desta feita, defendemos que este livro convida à travessia e ao mergulho nas poéticas das margens, nas estéticas do dissenso e nas corporeidades dissidentes que continuamente reinventam o comum (Butler, 2004). Neste horizonte, os processos de criação artísticos que aqui damos conta, na sua amplitude e transdisciplinaridade, deixam de ser contemplados como simples objetos estéticos e visuais, passando os mesmos a contemplar lógicas de consumo despolitizado. Portanto, este livro pretende evocar processos de escuta ativos, incentivando e dando a conhecer múltiplas formas de resistência e de afirmação coletiva.

 ^[1] Gostaríamos de assinalar que todos os capítulos aqui incluídos são da responsabilidade dos seus autores e foram objeto de uma revisão cuidada respeitando os seus conteúdos originais. Outrossim, fizemos acompanhar a feitura deste livro pelo uso de imagens relacionadas com a temática de cada capítulo utilizando e trabalhando Creative Commons Images – livres de direitos autorais.

A arte não é concebida – conforme vimos e lemos aqui nas comunicações e textos fornecidos pelos autores - como um mero objeto de contemplação e de agrado estético, mas sobretudo como uma prática que é territorial e socialmente situada e que possui uma dimensão individual, mas também coletiva, ou seja, enquanto um produto que evoca várias tipologias e tecnologias de existência (Foucault, 1988), de enfrentamento e de reinvenção da realidade excludente e castradora. Assim, este livro estrutura-se em três grandes núcleos temáticos que operam não como divisões rígidas, mas antes como zonas que se interconectam em relação a uma perspectiva decolonial (Mignolo & Walsh, 2018) e interseccional (Crenshaw, 1991).

A este respeito, importa ainda fazer alusões à época do Antropoceno, um conceito que tem vindo a adquirir ímpeto no Norte Global, mas que, quando transposto para países do Sul Global, acaba por adquirir outros contornos. No contexto latino-americano, autores como Maristella Svampa, Eduardo Gudynas, Eduardo Viveiros de Castro, Déborah Danowski e Arturo Escobar articulam eloquentes críticas ao projeto moderno-colonial que está na base da devastação ambiental e, por oposição, estes autores propõem formas plurais de pensar a crise ecológica, a arte e a política, indo ao encontro daquilo a que nos propomos fazer neste livro.

Começamos por Maristella Svampa (2021) que introduz o conceito de consensos do extrativismo para descrever as formas como, mesmo sob o domínio e governação de partidos progressistas, a América Latina tem-se mantido presa a um modelo que se baseia na exploração intensiva da natureza, desde o petróleo, à mineração, monocultura, etc., e tudo isto em nome de uma ideologia que suporta um suposto desenvolvimento. Nesse cenário, a natureza é reduzida a recursos, e os territórios são destituídos da sua complexidade ecológica e cultural. Aqui, a arte emerge como uma ferramenta de resistência, de memória e de imaginação de outros futuros. Em consonância com esta proposta, temos os contributos de Eduardo Gudynas. O autor (Gudynas, 2011) propõe a noção de *buen vivir* como alternativa epistemológica às ditas práticas e noções de desenvolvimento ocidentais, ou seja, inspirado em cosmovisões andinas como o *sumak kawsay*, o autor – através desse paradigma – questiona a separação moderna que é feita entre humano e natureza, convocando, por seu turno, a existência de formas de vida mais integradas, comunitárias e regenerativas. Este conceito, em certa medida, vai ao encontro das teorias que se relacionam com o ecofeminismo (Guerra, 2023a). Os processos de criação artística, tornam-se numa expressão sensível de vínculos, não apenas entre humanos, mas também com a terra, os rios, os animais, os ancestrais (Guerra, 2023b).



Duma outra perspectiva, achamos ser conveniente apresentar e mencionar os contributos teóricos de autores como Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2014), mais especificamente a sua obra *Há Mundo por Vir?*, isto porque neste produto científico, eles criticam a naturalização do colapso ambiental e propõem que se pensem as cosmologias indígenas como alternativas concretas ao imaginário do fim. Vejamos que aquilo que para o Ocidente é visto como o apocalipse, para muitos povos originários assume-se como uma espécie de continuidade de uma guerra ancestral contra a destruição do mundo. A arte indígena contemporânea, como a de Daiara Tukano^[2] (ver Figuras 1 e 2) ou Jaider Esbell^[3] (ver Figura 3), atuam numa lógica de ativismo junto destas temáticas, exacerbando a separação entre estética, espiritualidade e resistência.

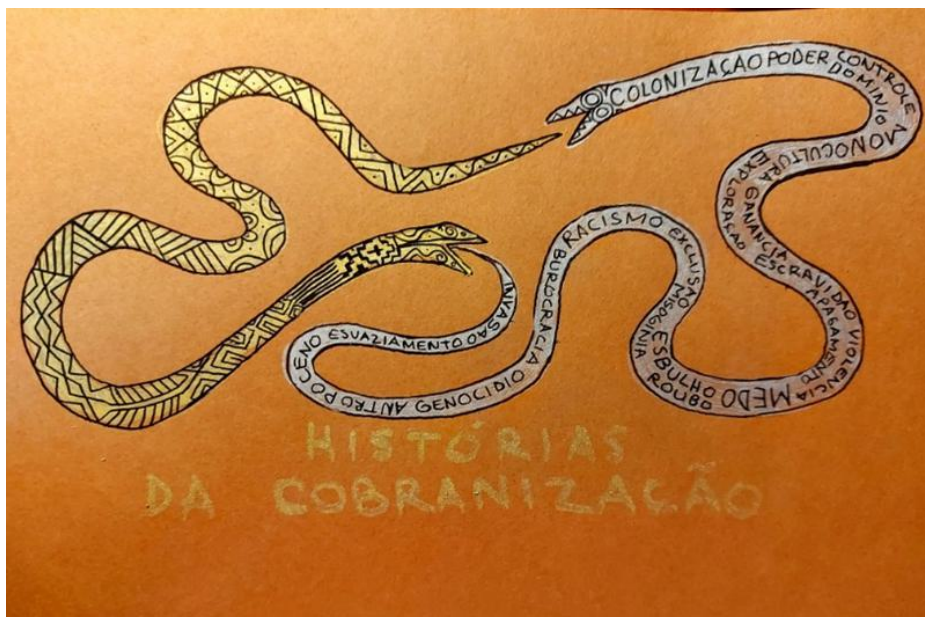



Figura 1: “Histórias da Cobranização”, 2022, , acrílica sobre papel, exposição “Nhe’e Porã: Memória e Transformação”, Museu da Língua Portuguesa São Paulo

Fonte: <https://www.premiopipa.com/daiara-tukano/>

 [2] Daiara Hori Figueroa Sampaio – Duhigô, do povo indígena Tukano – Yé’pá Mahsã, clã Eremiri Hãusiro Parameri do Alto Rio Negro na amazônia brasileira, nascida em São Paulo. Artista, ativista, educadora e comunicadora. Graduada em Artes Visuais e Mestre em direitos humanos pela Universidade de Brasília – UnB; pesquisa o direito à memória e à verdade dos povos indígenas; Foi coordenadora da Rádio Yandê, primeira web-rádio indígena do Brasil. Ganhadora do Prêmio PIPA Online 2021, organizado pelo Instituto PIPA como mais relevante prêmio brasileiro de artes visuais. Estuda a cultura, história e espiritualidade tradicional de seu povo junto à sua família. Reside em Brasília, DF. Informação retirada do Website dos Prêmios PIPA e, para consultar: www.daiaratukano.com

[3] Jaider Esbell foi um artista, educador, escritor, geógrafo e curador Makuxi. O artista desempenhou um importante papel na consolidação da arte indígena contemporânea no Brasil, não apenas por meio de sua produção artística, mas também como agente catalisador e ativista. Esbell começou sua prática artística em 2010, com o suporte de uma bolsa da Funarte que contribuiu para a publicação de seu primeiro livro, *Terreiro de Makunaima – Mitos, lendas e estórias em vivências*. Retirado da página web do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Mais informações aqui: <https://mam.rio/programacao/nakoada-jaider-esbell-verbete/>



Figura 2: “Minha Bíblia é o petyngua. Quando dou uma baforada, tudo se ilumina”, 2004, Wherá Tupã, Alcindo Moreira

Fonte: Exposição Museu de Arte do Rio Nhe´ẽ Porã Bíblia Palmatória.



Figura 3: Morî' erenkato eseru' – Cantos para a vida, da série “Kahtiri Eõrõ – espelho da vida” (Ativação na abertura da exposição “Véxoa: Nós Sabemos” na Pinacoteca de São Paulo), 2020

Fonte: <https://www.premiopipa.com/daiara-tukano/>



Figura 4: "No One Can Defeat a Sacred People", 2021. Coleção Aldeia-Escola-Floresta
Fonte: Jaider Esbell. <https://ecoexpo.ces.uc.pt/no-one-can-defeat-a-sacred-people-2021/>

Arturo Escobar (2018), por sua vez, avança com a proposta do conceito de design ontológico, que convida a redesenhar as nossas formas de vida através de outras ontologias, especialmente as dos povos afrodescendentes, indígenas e camponeses. Ele propõe a transição para o que chama de pluriverso, isto é, a transição para um mundo onde nele cabem muitos outros mundos. Nesse projeto, a arte comunitária, os saberes locais e os rituais coletivos têm um papel central na reconstrução do sensível e na reinvenção da política. Portanto, quando estes conceitos são analisados à luz das experiências do Sul Global, é de notar que a questão do antropoceno exige uma crítica ao colonialismo (Guerra, 2022), ao capitalismo e à modernidade, e ainda exige a escuta ativa das práticas artísticas e políticas que nascem dos e com as especificidades dos territórios.

Então, advogamos que na primeira parte deste livro, reúnem-se estudos que iluminam as trajetórias artísticas que são marcadas e que marcam outros pela recusa ao silêncio imposto pela colonialidade do saber e da criação artística. Os autorxs aqui reunidos trabalham com a arte como uma ferramenta de reexistência (Cusicanqui, 2010), onde figuras como Jomard Muniz de Britto, Judy Chicago, Grada Kilomba, Carolina Maria de Jesus e Musa Mattiuzzi surgem não apenas como objetos de análise científica e acadêmica, mas sobretudo como agentes de rutura. Nesse sentido, os seus corpos e as obras configuram arquivos vivos (Mbembe, 2018), ao passo que são portadores de memórias contra-hegemônicas e fomentadores de estratégias de reinvenção subjetiva.

Na segunda parte do livro, a atenção desloca-se para as dimensões sonoras, corporais, escritas e contraculturais das práticas artísticas, nunca deixando de lado as críticas ao Antropoceno e à crise ecológica. O ritmo e o som são entendidos como uma categoria político-estética (Gilroy, 1993), capaz de inscrever resistência no corpo social. *Punk*, *glam rock*, *drum'n'bass*, *frevo* e *mangebeat* são abordados como expressões que tensionam as

formas normativas existentes de subjetividade, especialmente em contextos de crise e de precariedade, como é o caso das carreiras artísticas, por exemplo. Dessa forma, as práticas juvenis e os movimentos estudantis despontam como forças alternativas de reorganização simbólica e afetiva do espaço urbano (Guerra, 2018); mais, essas manifestações culturais e artístico-musicais que são descritas na segunda parte do livro, não são apenas reações estéticas, mas sobretudo formas de agência política e modos de subjetividade que surgem em contextos de crise, precariedade e urgência. Paralelamente, especial atenção é dada aos movimentos estudantis e às práticas juvenis, que emergem como forças *underground*, capazes de reorganizar o espaço urbano, questionar as hierarquias de poder e produzir novas formas de ocupação simbólica e afetiva das cidades (Guerra, 2021).

Já na terceira parte do livro, o foco desloca-se para as práticas artísticas que se envolvem com a crise ambiental e ecológica e com a necessidade de reconfigurar as relações entre humanos, territórios, saberes e espécies. Os textos aqui reunidos articulam ecologia, arte e educação em experiências que problematizam o antropocentrismo e propõem uma viragem ontológica na forma de pensar e habitar o mundo. A partir de abordagens como a *ecosofia* (Guattari, 1995) e a pedagogia decolonial, os autores constroem um novo léxico de práticas artísticas que vão desde laboratórios coletivos em escolas públicas até intervenções urbanas em zonas pós-industriais. A arte, neste contexto, deixa de ser apenas uma tipologia de representação e passa a ser um mecanismo de mediação, isto é, passa a mediar as relações entre o visível e o invisível, entre o corpo e a paisagem, entre a ruína e a regeneração.

Importa destacar que este livro, mais do que um aglomerado de capítulos, apresenta-se como uma cartografia científica, crítica e dotada de múltiplas expressões artísticas contemporâneas que se insurgem contra os regimes de normatividade estética, epistêmica e política. O seu substrato metodológico é rizomático, no sentido deleuziano, veja-se, dado que não parte de um centro, mas sim de múltiplas entradas possíveis que se encontram à margem. Nesse desígnio, não segue um eixo linear, mas propõe encontros e atravessamentos inesperados, aliás este foi o mote para a programação do seminário no ano de 2024.

O livro opera por uma desobediência epistemológica face ao *canon* da história da arte, ao propor uma leitura centrada nas margens e nas suas potencialidades, ou seja, falámos de margens que se relacionam com os temas de género, racialidade, classismo e territorialidades. Nesta medida, apresentámos este livro como sendo um produto físico e virtual que interroga o conceito de arte contemporânea a partir da criação, produção e disseminação de novas imagens, estéticas e sentidos. O livro também propõe realçar a importância de uma escrita afetiva, implicada, e por vezes confessional, em que o corpo do autor se expõe ao risco do encontro e do confronto e, por conseguinte, a escrita científica e académica aqui utilizada e mobilizada, não pretende a neutralidade, mas antes a incitação ao engajamento, logo, visa abrir novos caminhos de produção de conhecimento científico.

Em tempos de colapso climático, de regressão democrática e de intensificação das desigualdades estruturais, *Todas as Artes | Todos os Nomes – Volume 4* oferece uma ferramenta crítica de leitura do presente, mas também um gesto utópico de invenção de futuro. É um convite à escuta radical, à produção de alianças entre mundos, à reencantamento da vida pela arte. O livro é, nesse sentido, uma provocação para que se pense a arte como uma forma de cuidado coletivo, de insurgência poética e de resistência viva – uma arte que não apenas fala sobre o mundo, mas que o toca, o transforma, o reinventa.



Referências Bibliográficas

Butler, J. (2004). *Undoing Gender*. Routledge.

Crenshaw, K. W. (2013). Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. In *The public nature of private violence* (pp. 93-118). Routledge.

Cusicanqui, S. R. (2010). *Ch'ixinakax utxiwa: Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Tinta Limón.

Danowski, Déborah & Viveiros de Castro, Eduardo (2014). *Há Mundo por Vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Cultura e Barbárie.

Escobar, Arturo (2018). *Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds*. Duke University Press

Foucault, M. (1988). *Technologies of the Self*. In M. Foucault. (Ed.). *Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault*. University of Massachusetts Press.

Gilroy, P. (1993). Between Afro-centrism and Euro centrism: Youth culture and the problem of hybridity. *Young*, 1(2), 2-12.

Guerra, P. (2024). Derivas, resistências, artes no/pelo Antropoceno. *Farol*, 20(31), 38-43.

Guerra, P. (2023a). Fanzines e (eco) feminismo: além da Fortaleza do Antropoceno e do Faloceno. *Arte & Ensaios*, 29(45), 234-261.

Guerra, P. (2023b). Réquiem para Dois Rios. Contributos para uma discussão acerca do ativismo ambiental indígena e ecofeminista no Sul Global. Caiana. *Revista de Historia del Arte y Cultura Visual del Centro Argentino de Investigadores de Arte (CAIA)*, 22, 15-29.

Guerra, P. (2022). Sul, Sertão e Flores: uma propedêutica necessária para compreender as manifestações artísticas contemporâneas do Sul Global. *Anos 90*, 29, 1-15.

Guerra, P. (2021). Sons, corpos e lugares. Para uma metonímia das cidades musicais contemporâneas. *CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 33, 171-197.

Guerra, P. (2018). Uma cidade entre sonhos de néon. Encontros, transações e fruições com as culturas musicais urbanas contemporâneas. *Sociologia & Antropologia*, 8, 375-400.

Gudynas, Eduardo (2011). *Buen Vivir: Germinando alternativas al desarrollo*. CEPAL

Guattari, F. (1995). *Chaosmosis: An ethico-aesthetic paradigm*. Indiana University Press.

Haraway, D. (2016). *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Duke University Press.

Haraway, D. J. (2016). *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. In *Staying with the Trouble*. Duke University Press.

Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó.

Mbembe, A. (2018). *Políticas de la enemistad*. Ned Ediciones.

Mignolo, W. D., & Walsh, C. E. (2018). *On decoloniality: Concepts, analytics, praxis*. Duke University Press.

Svampa, Maristella (2021). *El colapso ecológico ya llegó*. Siglo XXI Editores.



Paula Guerra, Universidade do Porto - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Portugal

E-mail: pguerra@letras.up.pt 

Sofia Sousa, Universidade do Porto - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Portugal

E-mail: sofiaarsousa22@gmail.com 

ARTWORK: ISGAR ACELERADO





